

o preço da rainha

anne bishop

Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Patricia Briggs e Ann Peters

JOIAS



BRANCA
AMARELA
OLHO-DE-TIGRE
ROSA
AZUL-CELESTE
VIOLÁCEA
OPALA*
VERDE
AZUL-SAFIRA
VERMELHA
CINZENTA
ÉBANO-ACINZENTADA
PRETA

*A Opala estabelece a linha divisória entre as Joias mais claras e mais escuras, pois ela pode ser ambas.

Ao realizar a Dádiva às Trevas, uma pessoa pode descer até ao máximo de três categorias relativamente à sua Joia de Direito de Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito de Progenitura pode descer até à Rosa.

Nota: O «Sc» nos nomes Scelt e Sceltie pronuncia-se «Sh».

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS



MACHOS

PLEBEU — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue.

MACHO DOS SANGUE — um termo geral para todos os machos dos Sangue; designa igualmente todos os machos dos Sangue que não usam Joias.

SENHOR DA GUERRA — macho que usa Joias, cujo estatuto é equivalente ao de feiticeira.

PRÍNCIPE — macho que usa Joias, cujo estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa ou ao de Curandeira.

PRÍNCIPE DOS SENHORES DA GUERRA — macho que usa Joias, perigoso e extremamente agressivo; tem um estatuto ligeiramente abaixo do de Rainha.

FÊMEAS

PLEBEIA — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue.

FÊMEA DOS SANGUE — um termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; regra geral designa todas as fêmeas dos Sangue que não usam Joias.

FEITICEIRA — fêmea dos Sangue que usa Joias, mas que não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Joias.

CURANDEIRA — feiticeira que cura ferimentos e doenças do foro físico; o seu estatuto é equivalente ao de Sacerdotisa e ao de Príncipe.

SACERDOTISA — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testifica juras e casamentos; realiza dádivas; de estatuto equivalente ao de Curandeira e ao de Príncipe.

VIÚVA NEGRA — feiticeira que cura as mentes; tece as teias entrelaçadas de sonhos e de visões; é versada em ilusões e venenos.

RAINHA — feiticeira que domina os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; como tal, é o ponto central da sociedade.

Nota: No final do livro surge uma lista das personagens envolvidas nesta história.

UM



Paço SaDiablo

Daemonar Yaslana abriu ao máximo as asas membranosas escuras, após o que as deixou assentar numa posição descontraída — ou, dada a situação, tão descontraída quanto possível. Depois expirou e levantou a mão para bater à porta do estúdio do tio.

Há um mês que a escola que não era, oficialmente, uma escola funcionava no Paço SaDiablo. Os instrutores continuavam a adaptar-se a dar aulas a um grupo seleta de trinta e seis alunos, ao mesmo tempo que se adaptavam a estar sob o olhar atento do Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra de Dhemlan, alguém que, mais do que seu empregador, era também patriarca da família SaDiablo — a família mais rica e poderosa de todo o Reino de Kaeleer. Os alunos continuavam a adaptar-se à vida num imenso edifício de pedra cinzenta que, mercê de todas as suas alas e pátios interiores, poderia muito bem ser confundido com uma pequena aldeia cercada, além de também se verem obrigados a lidar com o facto de que esse mesmo Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra era um administrador e um benfeitor benigno — de um modo geral —, mas que podia mergulhar, num abrir e fechar de olhos, numa fúria gelada e letal quando provocado... e era o seu instrutor de Artes e Protocolo.

Tanta adaptação obrigava a que houvesse *alguém* que servisse de líder ou de intermediário ou qualquer outro disparate — pura e simplesmente, alguém que explicasse as coisas aos adultos sempre que acontecesse algo. E quem melhor para explicar do que o Príncipe dos Senhores da Guerra que usava uma Joia de Direito de Progenitura Verde e era sobrinho desse tal Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra?

Ele *nunca* via com bons olhos ter de explicar *coisas*. Provavelmente

ter-se-ia recusado se a irmã não se tivesse envolvido naquela confusão, mas não podia deixar que Titian mergulhasse sozinha num potencial turbilhão. *Cuidar e proteger*. Esses compromissos eram gravados no âmago dos Príncipes dos Senhores da Guerra, pelo que teria de obter respostas sem deixar Titian em apuros.

Daemonar bateu ao de leve à porta, após o que entrou na divisão, deixando-se ficar parcialmente escudado pela madeira. Não *precisava* da proteção, não do tio — pelo menos naquele momento —, mas assim sentia-se menos... exposto.

O homem sentado à grande secretária preta ergueu o olhar dos papéis que estava a ler e ofereceu um sorriso de boas-vindas.

Daemon Sadi continuava a ser um homem de uma beleza extrema, com um corpo atlético, pele castanho-dourada e cabelo preto grosso, que começava a encanecer nas fontes. Quando o olhavam no rosto e sentiam a atração sedutora do seu potente calor sexual, as pessoas tendiam a esquecer-se de que ele era também o homem mais letal do Reino.

Como já vira todos os lados do temperamento de Sadi, Daemonar nunca esquecia a natureza mortífera daquele homem, mas, não obstante, conseguia ignorá-la — na maior parte das vezes.

Com o que esperava ser um sorriso descontraído, Daemon dirigiu-se a Sadi:

— Posso fazer-te uma pergunta hipotética?

Teria detetado um relance de pânico nos olhos dourados do tio?

Daemon tapou a caneta e respondeu, na sua voz grave e erudita que continha sempre um toque sensual:

— Está bem.

— Se alguém tivesse experimentado fazer Arte dentro do Paço, em vez de ir lá para fora, por estar um dia frio e chuvoso, e se o feitiço tivesse corrido menos bem e aberto um buraco na parede, até que ponto estaria essa pessoa em apuros? Hipoteticamente.

Viu Daemon engolir em seco. Começou a contar os segundos até obter uma resposta. Não era diferente de contar entre o clarão de um relâmpago e o som do trovão para calcular a distância de uma trovoadas.

— Quão grande é esse buraco hipotético? — lá perguntou Daemon.

— Está mais para janela decorativa do que para porta — asseverou Daemonar.

— Não há risco de colapso para o Paço em virtude desse buraco?

— De todo. É fácil de reparar. — Assim esperava.

— Muito bem. Se ninguém se feriu e se não houver danos estruturais que possam vir a causar ferimentos futuros, julgo que a pessoa ou pessoas

envolvidas nesse feitiço que correu menos bem possam tratar de proceder às reparações necessárias sem que eu tenha de me envolver. Hipoteticamente.

— Foi o que pensei.

— Contudo. — Daemon destapou a caneta e fez uma marca no papel que tinha à sua frente.

Valha-me o fogo do Inferno, agora é que é, pensou Daemonar.

— Quando voltar ao meu estúdio, depois da refeição do meio-dia, conto encontrar uma cópia dessa Arte na minha secretária para que a possa analisar e usar na próxima aula de Arte. Já que *correu* menos bem.

Daemon ergueu o olhar e ofereceu um sorriso que fez os joelhos de Daemonar transformarem-se em gelatina.

— É uma excelente ideia — respondeu Daemonar.

— Ainda bem que concordas. — As palavras saíram num ronronar, o que, por si só, já compunha um aviso.

Daemonar fechou a porta do estúdio, sorriu a Beale, o Senhor da Guerra de Joia Vermelha que servia como mordomo do Paço, e a Holt, o Senhor da Guerra de Joia Opala que era secretário de Daemon, e percorreu o grande *hall*, a caminho da escadaria na sala de recepção informal. Assim que desapareceu da vista dos dois homens, correu degraus acima até à parte do Paço onde os outros jovens o aguardavam.

Sete das vinte e duas raparigas que agora residiam no Paço haviam estado envolvidas no que corra mal. As restantes moças e os catorze rapazes que também moravam no Paço haviam chegado a correr ao ouvirem algo a rebentar. Todos miraram os restos da mesa onde haviam estado os componentes do feitiço e depois olharam para o buraco na parede — e depois, os outros trinta e nove jovens tinham dirigido a atenção para ele.

Quando voltou a entrar na divisão, eles fitaram-no, todas as expressões uma qualquer variante de «Bolas, até que ponto estamos em apuros?»

Era verdade que tinham motivos para estarem apreensivos. Fora a primeira vez que um deles destruíra um pedaço da casa do Tio Daemon.

— Então? — quis saber Titian, mordendo o lábio inferior. — Estamos em sarilhos?

— O que disse o Príncipe Sadi? — perguntou Zoey.

— Vamos todos partilhar os custos da reparação e tratar disso *discretamente*. — Tinha a certeza de que serrar e martelar, e o que mais precisasse de ser feito, seria tudo menos discreto, mas estavam numa zona remota do Paço, pelo que o barulho talvez não fosse *demasiado* óbvio. — Zoey, aponta o que tu e as outras raparigas estavam a tentar fazer, o que usaram no feitiço e os passos que deram antes de as coisas correrem...

— Parede fora? — aventou Titian.

— Pois. Isso. Não omitam nada. Eu deixo-o na secretária do Príncipe Sadi quando ele sair do estúdio.

Todos retiveram o fôlego. Foi Jhett, uma das Viúvas Negras mais jovens, quem acabou por indagar:

— Porque temos de lhe dizer o que usámos para o feitiço?

— Porque esse é o preço a pagar para podermos ser nós a tratar disto sozinhos — explicou Daemonar.

Quando Beale e Holt entraram no estúdio, Daemon manteve-se a olhar para o papel e continuou a escrever palavras aleatórias — como se aquela conversa fosse banal a ponto de não exigir a sua total atenção.

— Temos um buraco numa parede? — perguntou calmamente.

— Temos, meu Príncipe — confirmou Beale.

— Um buraco grande?

Houve uma hesitação.

— Grande a ponto de necessitar de reparações, mas pequeno o suficiente para que não obrigue à reconstrução da parede inteira.

— Estou a ver. — Daemon reparou que a mente desistira de tentar formar palavras e ele estava apenas a escrever repetidamente as mesmas três letras. — Ninguém corre riscos devido a escombros que caiam?

— Fui confirmar — indicou Holt, encolhendo os ombros quando Daemon ergueu o olhar. — Um dos Scelties disse ao Mikal que tinha ouvido um *bum*. Como o Mikal, hoje, estava a trabalhar comigo, fomos dar uma vista de olhos. Discreta.

— Mas não te lembraste de me informar? — perguntou Daemon, a voz ainda tranquila.

Novo encolher de ombros.

— O Daemonar já vinha a caminho do estúdio quando eu e o Mikal nos dirigimos aqui, pelo que não me pareceu ser minha responsabilidade dar conta do incidente... a menos que o Daemonar não o relatasse.

Infelizmente, isso fazia todo o sentido — ou, pelo menos, fazia o sentido possível naquele momento no Paço.

— Está a chover — acrescentou Beale. — E lá fora está frio.

Daemon tapou a caneta, desistindo da tentativa de parecer des preocupado.

— Sim, pois está.

— Acredito que, se não estivesse a chover, as jovens Senhoras teriam experimentado esta Arte no exterior.

— Já me constou que está frio e a chover. — Tinha de dar aos jovens a oportunidade de solucionarem o problema e trabalharem em conjunto para corrigirem os erros — tal como aconteceria no futuro, quando passassem a fazer parte da corte de uma Rainha. Não fora o que o pai fizera, quando Saetan estava encarregue de ensinar e de proteger a assembleia de Feiticeira e os rapazolas? — A par da correção do que correu mal com a Arte, julgo que as aulas desta semana deverão versar a criação de escudos, não lhes parece?

— Com certeza — respondeu Holt.

— Seria prudente — concordou Beale. — Diz a experiência que este não será um caso isolado.

Daemon suspirou.

— Muito bem. — Esperou, mas Beale e Holt não saíram. — Mais alguma coisa?

Beale olhou para Holt. Holt olhou para Beale.

— Chegou a hora — indicou Beale. — Mostras-lhe, ou devo ser eu a fazê-lo?

Holt hesitou, ao que disse:

— Eu mostro-lhe.

Daemon observou os dois homens.

— Mostram-me o quê?

O estúdio tinha a forma de um «L» invertido, com a parte mais curta com estantes a encherem a parede por trás da grande secretária. Os lados dessa parte do estúdio estavam tapados com cortinados vermelho-escuros. Por trás de um dos pares de cortinados havia uma porta de acesso a um vasto espaço de armazenamento. Grandes prateleiras — algumas abertas, outras com portas — subiam a parede, a começar ao nível da cabeça de Daemon e até ao teto. Por baixo das prateleiras estavam duas fileiras de arquivadores de madeira com documentos e registos das várias propriedades e negócios da família.

Holt entrou no espaço de arrumação. Daemon levantou-se da secretária e seguiu o secretário até ao derradeiro armário à esquerda. Holt invocou uma chave dourada e destrancou o armário. Depois entregou a chave a Daemon.

— O Beale tem uma chave. Eu fiquei com a outra — anunciou Holt. — De acordo com as nossas ordens.

— Ordens de...? — Ele sabia. Só pretendia que alguém o dissesse.

— Do seu pai. Cerca de um ano antes de entrar na derradeira morte, ele deu-nos as chaves e disse-nos para lhe divulgarmos o conteúdo quando isso fosse útil.

— E chegou a altura?

— O meu Príncipe tem um buraco na parede. Sim, chegou a altura.

Fogo do Inferno.

Há séculos que estava ciente daquele armário trancado, mas nunca tentara descobrir o que continha. Saetan escrevera *Privado* na etiqueta que fora enfiada no puxador de latão na gaveta de cima do armário. Aquelas gavetas trancadas haviam dito respeito ao pai — pelos vistos, agora diziam-lhe respeito a ele.

Holt abriu a gaveta de cima, perscrutou os ficheiros devidamente identificados, tirou um e entregou-o a Daemon.

Este abriu o dossiê, leu o relatório, voltou a lê-lo — e mirou Holt.

— Duplico-te o salário deste mês se me olhares nos olhos e me disseres que isto é uma obra de ficção.

Holt não disse nada.

— Triplico-te o salário.

Holt pareceu pesaroso, mas continuou sem dizer nada.

A Mãe Noite lhe valesse.

— Diz-me aquilo de que te lembras.

— As intenções eram boas — começou Holt a narrar. — Bem, as intenções eram sempre boas, mas desta vez começou porque uma criança da aldeia estava a brincar com os amigos e, num gesto tolo, enfiou os braços através do vidro de uma janela. Lesões graves, muito sangue, adultos em pânico, amigos histéricos... e a possibilidade de que o rapaz perdesse o uso de ambos os braços. A Curandeira de Halaway pediu ajuda, e foi assim que a Jaenelle, a Karla e a Gabrielle se envolveram.

— A cura foi bem-sucedida? — quis Daemon saber. Não que tivesse dúvidas. Além de Rainhas e Viúvas Negras, essas três feiticeiras haviam sido as mais poderosas e talentosas Curandeiras da sua geração — e continuavam sem ter igual.

— Sim. A criança recuperou por completo e não perdeu o movimento, nem a força dos braços. Ficou com uma cicatriz em cada braço para mostrar aos amigos, mas elas desvaneceram-se no espaço de um ano. Todavia, a preocupação com o facto de uma janela se poder partir e de alguém se magoar com gravidade levou a assembleia a desenvolver a ideia de juntar Arte ao vidro das janelas para que este se partisse em fragmentos sem extremidades aguçadas. Como o vidro desgastado pela areia e pelo mar.

— Isso explica a anotação sobre uma visita à Senhora Perzha e às praias em torno de Ovinho — murmurou Daemon.

— Deverá haver outro dossiê sobre *essa* visita — resmungou Holt. Depois continuou. — Quando decidiram que estavam na posse de um feitiço funcional, a assembleia teve de o testar. Portanto, a Jaenelle e a Karla compraram

algumas vidraças que inseriram em molduras, de modo a testá-las num dos pátios exteriores do Paço.

— E funcionou.

— Sim. O vidro partiu-se em fragmentos pequenos e lisos, tal como pretendido. Mas o Senhor Supremo frisou que um vidro que se partisse de uma forma que não prejudicasse qualquer potencial ladrão, além de também não *soar* a um vidro a partir-se, iria convidar a que se realizassem más ações. — Holt inspirou e expirou. — Portanto, as raparigas criaram um segundo feitiço para o novo teste. Dessa vez, quando se partia, o vidro começava a gritar: «Intruso! Intruso! Partiram-me! Partiram-me! Partiram-me!»

Daemon teve de se lembrar de que respirar não era opcional.

— Bem, se não fosse suficientemente forte para ser ouvido, o alerta não serviria de nada, certo? — prosseguiu Holt. — Mas o som na janela de teste fora ampliado pelo Preto de Direito de Progenitura da Jaenelle e pelo Verde de Direito de Progenitura da Karla, portanto...

— Todos os presentes no Paço ouviram o que se passou, não foi?

— No Paço *e* em Halaway. Provocou um grande rebuliço, sobretudo porque algumas das janelas nas divisões em torno desse pátio específico do Paço devem ter absorvido parte do feitiço, pelo que, quando o som ribombante começou a estremecer-lhes as molduras, as janelas afetadas começaram a gritar, com vozes ainda mais altas, «Partiram-me! Partiram-me! Partiram-me!» — Holt expirou. — E como essas vozes mais agudas pareciam Scelties jovens, isso agitou a ninhada, com *elas* a correrem pelo Paço em busca dos intrusos.

Daemon encostou-se a um dos outros arquivadores e fechou os olhos. *Não tem nada que ver comigo*, pensou. *Nada, nada, nada.*

— E...?

— Depois de a Jaenelle e a Karla conseguirem sossegar as janelas e os Scelties, e de o Senhor Supremo ter apresentado as suas desculpas à Senhora Sylvia pela comoção inesperada, este sugeriu com veemência que essa Arte específica fosse eliminada. — Holt esboçou um sorriso. — Meses depois, apareceram no Paço um Senhor da Guerra e seus irmãos, todos eles empreiteiros. Havia ouvido falar daquele feitiço e julgavam que seria uma boa ideia para uma escola que estavam a construir, e propuseram comprar os direitos do feitiço, caso as Senhoras estivessem dispostas a ensiná-lo... sem o alarme verbal, claro. Por isso, o Senhor Supremo negociou com os Senhores da Guerra os direitos exclusivos do feitiço durante... não sei quantos anos... por uma avença anual modesta.

Daemon mirou os dossiês na gaveta aberta, após o que olhou para as restantes gavetas nesse arquivador.

— É isso que está nas gavetas? Relatos sobre Arte invulgar feita pela assembleia quando moravam no Paço? — *Que as Trevas me valham se for isso com que terei de lidar.*

— São registos de vários tipos — explicou Holt. — Disseram-nos que a gaveta de cima continha os mais... memoráveis.

Quando Daemon devolveu o dossiê e passou com o dedo pelos outros, apareceu um dossiê vermelho, selado com cera negra e identificado com a caligrafia ornada de Saetan. Apertou o topo do dossiê com o indicador e o polegar e fê-lo desaparecer, após o que fechou a gaveta e trancou o armário.

— Esta história tem algum objetivo? — indagou Daemon, encarando o secretário.

— Seja o que for que a Zoey, a Titian e os outros jovens façam, o meu Príncipe não terá de lidar com o poder da Jaenelle e da assembleia quando elas tinham uma idade equivalente e estavam a aprender a Arte — afirmou Holt. — Talvez isso lhe traga algum conforto.

Mais tarde, Daemon invocou o dossiê vermelho com o selo de cera preta e estudou as palavras escritas na Língua Antiga.

— Para os meus filhos — murmurou, roçando as palavras com o dedo.

Quando pressionou a cera com o polegar, o selo quebrou-se num padrão irregular que parecia destinado a funcionar como um cadeado.

Daemon tirou duas dezenas de folhas de papel. A letra do pai.

Leu o conteúdo na diagonal, ao início sem saber o que estava a ver. Depois serviu-se de um grande *brandy* e beberricou-o enquanto voltava a ler as folhas — sobretudo as que continham notas escritas a lápis ao fundo.

Uma página em particular chamou-lhe a atenção, pois, passados tantos anos, o feitiço nela contido ainda precisava de ser completado.

Daemon riu-se baixinho e disse:

— Ah, seu sacana malandro.

Daemon voltou a guardar as folhas no dossiê, engoliu o *brandy*, fez desaparecer a pasta — e foi em busca de uma janela especial.

DOIS



Santuário

Arrependida do impulso de convidar Saetien SaDiablo para jantar de modo a dar algum descanso à rapariga quanto a algumas verdades mais difíceis acerca do santuário onde Jillian trabalhava e Saetien residia, Jillian continuou a cortar os legumes para a salada. A carne e os cogumelos aqueciam no molho; os *noodles* de ovo estavam quase cozinhados. As queixas terminariam quando a comida fosse servida — de uma maneira ou de outra.

— Portanto, tens andado a dizer aos instrutores do santuário que alinhaste com a Delora porque te sentias ignorada, porque nunca tinhas o tempo e a atenção suficientes do teu pai, porque nunca aprendeste coisas que te podiam ajudar, como Protocolo. — Jillian temperou a salada e mexeu-a. Ao pousar a saladeira na mesa susteve o olhar de Saetien. — Dizes tanta merda que até me admira que não te engasgues com ela. Ah, e já agora: fica sabendo que os instrutores não acreditam em nada do que dizes.

Virou as costas para escorrer a massa e despejá-la para uma travessa, enquanto Saetien balbuciava. Serviu carne e cogumelos sobre os *noodles* e levou a travessa para a mesa. Pão da padaria e manteiga acabada de bater, chegada da propriedade SaDiablo, no outro lado da aldeia, completavam a refeição.

— Se eu fosse Rainha... — começou Saetien a dizer.

— Tinhas levado tantas por seres uma cabra que tinhas de andar às arrecuas para veres por onde andavas — atalhou Jillian num tom ríspido. — Diz-me lá uma coisa, ó coisinha ignorada. E lembra-te de que eu faço parte da família. Quem é que te ensinou a montar a cavalo? Quem te ensinou a dançar? Quem te ensinou as danças camponesas simples para que pudesses participar nos festivais das colheitas em Dhemlan e em Scelt? Quem te ensinou a andar

no ar? Quem te ensinou a ler antes de ires para a escola e te leu histórias ao deitar? Quem te ensinou Arte e Protocolo básicos? Ou, pelo menos, tentou ensinar? Quem é que não te deixou quebrar as regras e ser uma fedelha? Quem é que te levou a passear quando estavas em Amdarh, quem é que te levou ao teatro e a exposições de arte? Quem foi, mmm?

Saetien fitou a mesa, uma lágrima a escorrer-lhe pela face.

— Foi o teu pai. Tiveste mais tempo e atenção do que a maior parte das filhas de famílias aristocratas, mas talvez tenhas ouvido dizer que deves ter sido negligenciada e que por isso é que te armaste em pau-mandado da Delora, e aproveitaste-te disso como uma desculpa para ignorares aquilo que sabias ser a verdade, pois assim o culpado é outro e tu não passas de uma vítima.

— Ele nunca...

— Foi contigo às casas de campo e às festas que lá se organizaram? — Jillian aquiesceu. — Não pôde. Com uma tensão sexual potente como a dele, se aparecesse numa dessas festas, todas as mulheres chegadas à puberdade o atacariam como gatas esfaimadas que encontrassem uma tigela de leite. E se ele não fosse capaz de fugir a tempo, o temperamento dele descontrolava-se e as tuas festazinhas transformavam-se num banho de sangue e de cadáveres que teriam o desprazer de voltar a encontrá-lo quando fizessem a transição para demónios-mortos e descobrissem o motivo por que não se deve irritar o Senhor Supremo do Inferno.

Jillian encheu pequenas taças com salada, após o que serviu massa e carne a ambas.

— Se eu fosse uma Rainha...

— A tua educação não mudava. Ou melhor, imagino que fosses obrigada a aprender mais e terias de pôr as tuas aulas de Protocolo em prática sempre que estivesses em público... algo que, pensando bem, o teu pai sempre insistiu que fizesse, salvo quando estivesses a brincar com os teus amigos. E isso é igual para todas as crianças depois da Cerimónia de Direito de Progenitura. O verdadeiro treino começa depois dessa cerimónia, e as regras tornam-se bastante mais rígidas.

— Se eu soubesse daquela guerra e da Dorothea...

— Desculpa? — cuspiu Jillian, perdendo a paciência. — É na escola que se aprende sobre a história de Kaeleer, e isso inclui a guerra. Se a escola de Halaway está a saltar essa parte da educação infantil, então o Príncipe Sadi tem de ser informado.

— Ele não me disse que tinha sido... — Saetien pegou numa fatia de pão e serviu-se de manteiga suficiente para barrar generosamente três fatias. — *E ela* não me contou que fora...

— Talvez o Daemon e a Surreal pensassem que ainda não tinhas maturidade suficiente para compreenderes o passado deles, e estivessem à espera que crescesses — argumentou Jillian. — Ou talvez seja porque grande parte da história da família se centra em torno de uma Rainha sobre a qual nada queres saber. Ias-te sempre embora com a Titian quando o Daemon, o Lucivar, a Marian e a Surreal contavam histórias sobre as vidas deles antes de chegarem a Kaeleer. Ninguém te obrigou a voltar e a ouvir, porque os adultos imaginaram que ainda não estivesse pronta para tal. E essas histórias foram contadas por fases, de acordo com a idade dos ouvintes. Quantas vezes é que ouviste o Lucivar a dizer que «Não tens idade para ouvir essa história. Um dia, mas não agora»? Muitas vezes.

— O meu pai devia ter interrompido a festa!

— Segundo sei, o objetivo dele era levá-los a todos de volta à escola em Amdarh quando teve de ir investigar um suposto ataque, mas *tu* fizeste uma birra para que te deixasse ficar e continuar com a festa. E quando o Beale, que ficou no lugar do teu pai e é forte e impiedoso o suficiente para rechaçar intrusos, disse àqueles rapazes que se fossem embora porque não deviam lá estar, tu minaste-lhe a autoridade e fizeste com que metade das raparigas naquela festa fosse atacada, incluindo a tua prima e uma jovem Rainha. Portanto, se tens pena daquilo que te custou e queres apontar o dedo a alguém e dizer «A culpa é tua», bem podes apontá-lo a ti própria, porque a culpa é *tua*, Saetien. O teu pai tem alguma responsabilidade, e ele bem o sabe. O Lucivar ter-vos-ia arrastado a todas de volta à escola, independentemente do que tu quisesses, em vez de *acreditar* que ainda pudesses ter um pingo de honra em ti.

Demasiado agitada para comer, Jillian pousou o garfo. Mas já tivera algumas semanas para pensar e apercebera-se de algo que lhe parecia ser a verdade.

— De certa forma, eu até compreendo o motivo por que o fizeste. Nasceste na família SaDiablo, mas não pertences realmente à família, pois o Saetan e os filhos dele empenharam-se em servir e proteger a Rainha de Joia Negra de Ebon Askavi a partir do momento em que o Saetan jurou ficar ligado aos vivos até que ela aparecesse nos Reinos. Achas que uma promessa que se manteve durante mais de cinquenta mil anos se vai desvanecer agora? — Abanou a cabeça. — E está tudo presente no Paço: a história, a promessa, a escolha de servir. Há quem se encaixe na família, e isso não tem nada que ver com os laços de sangue. Eles *sentem* a ligação, sentem o eco da promessa no mais fundo do ser. O Daemonar sente-o. A Marian. O Lucivar. O Mikal e o Beron. E eu também. E também o sentiram todas as Rainhas de Território que serviram na Corte Negra. Mas a minha irmã Nurian não se enquadra naquilo que seria o

Primeiro Círculo, nem sequer no Segundo. Em virtude dos laços que tem, ela é bem recebida nos encontros quando lá queira estar, mas é distante o suficiente para não ter de enfrentar diariamente o poder puro que corre na família, pelo menos sozinha. Não seria capaz de lidar com o Negro em fúria. E não faz mal. Nem todos conseguem fazê-lo.

— Não referiste... — Saetien hesitou. — A Surreal.

— Acho que a Surreal é como a Nurian. Precisa de distância suficiente do que motivou, e ainda motiva, o Lucivar e o Daemon. Só precisou de uns anos para se lembrar disso. — Jillian hesitou, então, mas decidiu prosseguir. — Tu amas o teu pai, eu sei que sim, mas nunca vais conseguir estar confortável junto dele, nunca vais aceitá-lo se não for o simples cortês e controlado Príncipe dos Senhores da Guerra de Dehmlan. Houve uma altura em que talvez conseguisses. Não sei. Mas já não. E talvez algo em ti tenha reconhecido que não é capaz de sobreviver a uma ligação próxima à família SaDiablo. Portanto, fizeste algo que quebrasse esses laços, que te deixasse do lado de fora e que te permitisse afastar do teu pai... e das memórias da Rainha que ainda governa a família. Acho que se tivesses admitido que estavas a ter dificuldade em morar no Paço e se tivesses sido honesta quanto ao *motivo* por que estavas com problemas, talvez o Daemon tivesse encontrado alguma maneira de seres independente. — Jillian deu uma palmadinha na mão de Saetien. — Não és a primeira que teve de se afastar para sobreviver. Duvido que sejas a última. Mas deixa de fingir que a escolha não foi tua, mesmo que, na altura, não compreendesses a verdade por trás de tudo.

Saetien sentou-se na borda da cama, tentando reprimir as lágrimas. Já não sabia quem era, não sabia o que queria — salvo poder libertar-se daquele *fardo* da culpa.

— Cometi um erro — disse baixinho. — Quis muito uma coisa, tanto que não dei ouvidos a quem me tentou dizer que eu estava errada acerca da Delora, acerca das outras raparigas. Acerca dos rapazes que eram próximos delas.

Shelby, o cachorrinho Senhor da Guerra Sceltie que era o seu amigo especial, estava sentado aos pés dela, a observá-la.

Mas agora estamos a aprender e vamos dar ouvidos aos nossos professores. E então saberemos se os humanos nos estão a dizer para fazer uma coisa má. Fez uma pausa. *E mordemo-los.*

O cachorro pareceu satisfeito com a ideia. Talvez demasiado.

— Não me parece que morder seja aceitável.

Às vezes temos de morder. Parecia muito certo disso.

Talvez ela devesse falar com os Scelties adultos que moravam no santuário para descobrir se — ou quando — morder era, de alguma forma, uma reação aceitável a algum tipo de comportamento humano.

Quando a porta do quarto se abriu, Saetien desejou tê-la trancado ao regressar de casa de Jillian. A maior parte das raparigas trancava a porta antes de tentar dormir, o que não surpreendia. Aquele sítio recebia raparigas que haviam sido violadas para que o seu poder fosse quebrado. Muitas delas debatiam-se com uma qualquer aversão a deitarem-se, com o sono a ser precioso quando lhes chegava — e era rara a noite em que as residentes não acordassem com uma rapariga a acordar de um pesadelo aos gritos.

Teresa entrou. A jovem fora uma Viúva Negra natural antes de um homem lhe ter... feito o que fez. Continuava a ser uma Viúva Negra, mas o seu poder fora quebrado, deixando-a sem nada, além da Arte básica. E a mente dela estilhaçara-se com o ataque, deixando-a a vaguear pelos caminhos do Reino Distorcido, os pensamentos e as recordações fragmentados.

Tão parecida com a situação de Tera, a avó paterna de Saetien. Mas Tera optara pela loucura de modo a recuperar alguma da Arte da Ampulheta, sendo bizarra em aspetos que sempre haviam deixado Saetien inquieta. Regra geral, Tera parecia absorta, indecisa, incapaz de alterar a mais simples das rotinas sem ficar apoquentada. Em outras alturas, quando a clareza da loucura lhe enchia os olhos dourados, Tera era... aterradora.

Não era algo que Saetien pudesse comentar sobre a mãe do pai. Daemon Sadi amava Tera e respeitava-lhe os dotes de Viúva Negra. O mesmo acontecia com Lucivar Yaslana. Na verdade, mais ninguém na família se sentia desconfortável junto de Tera, algo mais que levava a que Saetien se sentisse distante dos seus.

Teresa sentou-se ao lado de Saetien e estendeu uma folha de papel.

— Esta és tu.

O desenho parecia o topo de uma caixa com cantos arredondados. Era composto por linhas e curvas fortes, destacadas, mas não agressivas. Dois terços do desenho apelavam-lhe a algo no íntimo, de uma forma que não conseguia verbalizar. Mas o lado direito transformava-se numa confusão de linhas caóticas — uma dissonância que ia além da beira da caixa, com filamentos que se estendiam, quiçá numa tentativa de capturar os incautos.

— É assim que me vêes? — perguntou Saetien, ainda magoada com as coisas que Jillian lhe dissera.

— Sim. — Não havia qualquer condenação na voz de Teresa. Nada de invulgar no tom enquanto apontava para as linhas e as curvas acentuadas.

— Esta é quem tu eras. — O dedo deslocou-se sobre as linhas caóticas. — Esta é quem tu és. Já não cabes na caixa SaDiablo. Já coubeste, mas agora não. Tens de encontrar uma caixa nova.

Uma caixa nova. Teresa referia-se a uma família nova.

— E onde a vou encontrar?

Teresa apontou para o papel.

— Ela diz-te. Ela sabe a tristeza... e a verdade.

Saetien olhou para o nome por baixo das linhas caóticas.

— Quem é ela?

Teresa pestanejou.

— Quem?

— Esta rapariga. Está aqui no santuário? — Duvidava, a menos que a rapariga tivesse acabado de entrar.

— Qual rapariga? — Teresa baixou o olhar. — O cachorro! — Deslizou da cama e sentou-se no chão. — Olá, cãozinho!

Shelby beijou a jovem e recebeu festas e abraços de Teresa, após o que esta se levantou e saiu, para o seu quarto, assim se esperava.

Saetien ali ficou bastante tempo, a olhar para o desenho. A olhar para um nome.

«Esta é quem tu eras. Esta é quem tu és. Ela diz-te. Ela sabe a tristeza... e a verdade.»

— Isso é tudo muito bonito — disse Saetien a Shelby. — Mas quem é a Wilhelmina Benedict?

TRÊS



Paço SaDiablo

Inquieto e sem conseguir dormir, Daemonar percorreu alguns dos corredores nas zonas desabitadas do Paço. Teria saído para fazer alguns exercícios de aquecimento de combate ou para voar até ao lago da propriedade, mas ao início do serão levantara-se nova tempestade — chuva torrencial e ventos que faziam abanar os vidros das janelas. Mesmo bem escudado, não era um tipo de vento com que se devesse voar, a menos que não houvesse alternativa. Por isso foi caminhando, enquanto se debatia com a consciência.

Sentia-se incomodado por ter apresentado o incidente do feitiço que corra mal e partira uma parede ao Tio Daemon como sendo uma questão hipotética — mesmo tendo-o feito para proteger as raparigas. Se tivesse sido *ele* a cometer o erro, teria contado a verdade a Sadi, oferecendo-se para pagar a reparação. Daemon talvez manifestasse com veemência a sua opinião quanto ao uso descuidado da Arte, mas não expulsaria o sobrinho da sua presença.

Todos sabiam que ele não estava a relatar nada de hipotético — não se contratavam carpinteiros e pedreiros para reparar um buraco hipotético —, pelo que não *mentira*.

Mas, não obstante, era isso que lhe parecia. Sentia-se como se estivesse a brincar com as palavras da forma que levaria a que o pai o encostasse à parede e o *obrigasse* a contar uma verdade limpa.

Mas Zoey, Titian, Jhett, Arlene e as outras raparigas que haviam tentado fazer... aquilo... ainda se estavam a adaptar à vida no Paço SaDiablo — e a viver sob o olhar de um homem que não só era o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, como também era o Senhor Supremo do Inferno. Ainda se estava a tentar apurar os limites daquilo que Daemon iria ou não tolerar — ao que

parecia, diariamente. Não que esses limites fossem difíceis de perceber, regra geral, já que cada aluno recebera uma lista impressa com as regras básicas do Paço — e com os comportamentos que mereciam a expulsão imediata. Mas a mágoa devido ao envolvimento de Saetien com a assembleia da maldade ainda era demasiado fresca. Também não esquecera que Feiticeira, o mito vivo, intervieria para poupar Daemon à necessidade de executar a própria filha. Esse era um dos motivos por que, de vez em quando, os olhos dourados de Daemon Sadi reluziam com um brilho gelado ao testemunharem alguém com um comportamento que pendesse para o de uma cabra.

Daemonar não era responsável pela orientação dos outros trinta e cinco jovens. Também ele estava ali para estudar. Não obstante, ele destacava-se dos outros rapazes. Para começar, era mais velho. Depois, era um Príncipe dos Senhores da Guerra eyrieno que usava o Verde do Direito de Progenitura. Estivera no seu primeiro campo da morte quando Zoey e Titian haviam sido atacadas. Era por causa de tudo isso que já não era como os outros rapazes — mesmo os outros Príncipes dos Senhores da Guerra.

Contava com amigos no Paço. Tinha Mikal, que estava à guarda legal de Daemon e era aprendiz tanto de Beale, como de Holt e do Senhor Marcus, o gestor de Daemon. Havia o Príncipe Raine, que fora instrutor no colégio de Amdarh e agora lecionava ali no Paço.

Tinha Beron, o irmão mais velho de Mikal. Beron atingira a maioridade e já não estava à guarda de Daemon, embora continuasse sob a proteção de Sadi. Daemonar não via o Senhor da Guerra de Joia Opala com frequência, pois Beron era um ator que residia em Amdarh, capital de Dhemlan, mas tratava-se de um homem que compreendia o poder e o temperamento que faziam parte das famílias SaDiablo e Yaslana, e enquadrava-se bem nelas.

Havia homens como Holt e o Senhor Weston, espada e escudo de Zoey — adultos que não se esqueciam de que eram adultos, mas que não eram assim *tão* mais velhos e que gostavam do trabalho no Paço.

E tinha o Tio Daemon. Patriarca da família, sim. Impiedoso e letal quando o temperamento gelava e abraçava um aspeto da sua personalidade a que os restantes Sangue chamavam o Sádico. Ah, sim. Só um louco não temia o Sádico. Mas Daemon era também um tio extremoso e um amigo que escutava. Era alguém que ensinaria e com quem se poderia contar quando se precisasse de ajuda. Alguém que defenderia e protegeria.

O Paço foi fustigado por uma rajada forte de vento. A chuva tamborilava nas janelas. Ali não havia cortinados, nem portadas a cobrir os vidros. Talvez os alunos pudessem ajudar o Tio Daemon a proteger as janelas com escudos naquela parte do Paço, de modo a reduzir o frio e a humidade? Era verdade

que o tempo mais ameno se aproximava, mas ainda teriam de contar com bastantes noites frias e dias chuvosos.

Daemonar chegou a uma esquina e estava prestes a dar meia-volta quando ouviu... qualquer coisa. Um resmungar? Imobilizou-se, à escuta. Depois lançou um pouco do seu poder Verde a sondar o corredor. Nada. Ninguém. Mas... lá estava outra vez o resmungar.

Daemonar envolveu-se com um escudo Verde apertado, invocou a sua maça eyriena e dobrou a esquina.

Ninguém. Sentiria se houvesse alguém escondido nas sombras, captaria o seu odor psíquico se esse alguém estivesse a tentar empregar um escudo de visão. A menos que a pessoa usasse uma Joia mais escura, mas nem Beale, nem o Tio Daemon ali estariam, num corredor naquela parte do Paço, àquela hora da noite, na mais remota possibilidade de alguém por lá passar.

Daemonar expirou e fez desaparecer a maça. Tinha de voltar ao quarto e...

Nova rajada de vento — e a janela mais próxima soltou um rosnido fraco de som, algo selvagem e... eyrieno. A janela estava a *praguejar* em eyrieno. Uma voz? Duas?

Mas o que raio seria aquilo?

Ouviu-se um grito de guerra eyrieno quando o vento fez estremecer a vidraça.

Não fazia sentido. Não havia qualquer motivo para ter medo de uma *janela*. No entanto, o som arremetia-o. Era demasiado bizarro e inquietante para que o enfrentasse sozinho àquela hora da noite. Portanto, Daemonar Yaslana fez a coisa mais assisada — correu para os aposentos onde o Tio Daemon residia e bateu à porta do quarto.

A porta escancarou-se. Daemonar não sabia ao certo se estaria a olhar para o Senhor Supremo do Inferno ou para o Sádico — ou se era o Tio Daemon, meramente sonolento e irritado por ter sido acordado daquela maneira. Mas fosse qual fosse o aspeto de Sadi que viera abrir a porta, pelo menos estava de calças de pijama de seda, pelo que não irromperia pelo Paço de orgulho viril em riste, como Lucivar faria.

— Passa-se qualquer coisa estranha num dos corredores — informou Daemonar. — *Muito* estranha.

Os olhos dourados toldados observaram o jovem, até que Sadi ordenou:

— Mostra-me.

Daemonar não se preocupou que pudesse estar a ir demasiado rápido. Daemon podia não parecer ser alguém que andasse depressa por norma, mas era capaz de pairar de um modo que o fazia cobrir bastante terreno quando queria chegar a algum lado.

Alcançada a esquina, quando estavam prestes a virar para o corredor com a janela em causa, Daemonar levantou a mão — e só quando Sadi parou é que se apercebeu de que acabara de dar uma ordem a um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra.

— É uma janela neste corredor — murmurou Daemonar. Baixou a mão e invocou a maça eyriena pela segunda vez. Depois respirou fundo, envolveu-se com um escudo Verde e avançou para o corredor, ciente de que Daemon, envolvido com um escudo Vermelho, estava um passo atrás dele e um passo largo para o lado. Espaço para refrega. Indicou a janela. — Esta. Comecei por ouvir resmungar; depois, quando uma rajada de vento fez estremecer a moldura...

Daemon invocou um dos seus botões de punho de ouro e rubi e estendeu-o.

— Tio Daemon, não me parece...

Nova rajada de vento estremeceu as janelas e aquela voz — vozes? — selvagem roncou e bradou palavras que fariam Daemonar corar se não se sentisse tão *ameaçado*.

O vento amainou. As vozes resmungaram mais uns instantes, até que também elas se calaram.

Daemonar relanceou o Tio Daemon, que fitava a janela e parecia alguém que tivesse sido deitado a um lago montanhês a meio do inverno.

— Tio?

Não teve resposta.

— Tio Daemon?

Sentiu um tremeluzir de poder Vermelho, após o que Daemon fez desaparecer o botão de punho.

— Há uma lasca da minha Joia de Direito de Progenitura por baixo do rubi — explicou Daemon. — O fragmento contém um feitiço auditivo que retém as conversas. Já me foi bastante útil ao longo dos anos, em alturas em que não quis confiar na memória para me lembrar do que foi dito numa reunião oficial.

— Então podes reproduzir... aquilo? — Daemonar indicou a janela com um gesto da cabeça.

Daemon assentiu.

— Quero que o Lucivar o ouça e não podemos contar com uma rajada de vento quando precisarmos dela.

— Só precisamos de abanar a moldura da janela. Não é?

— Talvez. Depende do facto de serem ou não precisas condições específicas para que este exemplo de Arte se manifeste.

Daemonar deixou-se fitar a janela.

— *Será só Arte?*

Ao invés de responder, Daemon ergueu a mão direita e criou um escudo Negro ao fundo do corredor.

— Vamos. — Chegados à esquina, criou um segundo escudo Negro. Depois assentiu com a cabeça. — Isto vai impedir que outros se deparem com o que isto for.

Regressaram aos seus aposentos.

— Só por curiosidade, o que estavas a fazer nesta parte do Paço a esta hora da noite? — indagou Daemon.

— A andar. Não conseguia dormir.

Daemon não disse nada por uns instantes.

— Atormentado com questões hipotéticas?

Daemonar franziu o cenho.

— Não queria que as raparigas ficassem em apuros, mas não ia deixar que te escondessem o sucedido.

— Elas tentariam fazê-lo?

As palavras foram proferidas com calma, mas não se tratava de uma questão inútil.

— Julgo que algumas das meninas receavam ser expulsas. Acabariam por confessar, mas precisariam de algum tempo para ganharem coragem. A Zoey e a Titian iriam adiar, mas ter-se-iam decidido e antes da refeição da noite revelariam o que fizeram. — Sabia, por experiência própria, que sentar-se à mesa com o tio ou o pai — ou pior, ambos —, depois de uma ação néscia, sem ter contado o que acontecera, servia de lição para quão excruciante podia ser o silêncio quando se tinha a certeza de que eles sabiam o que fora feito e aguardavam, com a paciência de um predador, que lhes fosse contado.

Se tentassem ocultar que um feitiço corra mal, Zoey e Titian não seriam capazes de aguentar uma refeição inteira com o Tio Daemon. E o Tio Daemon não ficaria satisfeito por estar à mesa com meninas chorosas assim que elas sentissem o peso do seu desagrado gelado. Ele ficaria à mesa, mas não estaria satisfeito.

— Mas foste tu que vieste ao meu estúdio contar-me o que acontecera — lembrou Daemon.

— Sou o mais velho e sou quem já mais vezes ficou em apuros. — Fitou a parede. — Mas dizer que era hipotético foi o mesmo que mentir.

Daemon riu-se baixinho.

— Cresci com o Lucivar, por isso compreendo o que sentiste, mas aposto que até o teu pai terá feito algumas perguntas hipotéticas quando a Jaenelle e a assembleia aqui moravam. Isso não é mentir, rapazola. Isso é amor. — Fez uma pausa, ao que acrescentou: — Cuida e protege, mas não escudes demasiado.

Aprende com o meu erro. Protege-as, sim, mas, ao mesmo tempo, insiste para que ganhem coragem e sejam elas a encarar-me... e para que aceitem as consequências das suas ações.

— Sim, meu tio.

Daemon envolveu-lhe a nuca com a mão e beijou a testa de Daemonar.

— Vai dormir, rapazola.

— Boa noite, Tio Daemon.

Daemon regressou ao quarto — e trancou a porta.

Os aposentos do Senhor Supremo. Haviam sido ocupados por Saetan durante séculos. Andulvar e Prothvar Yaslana haviam ocupado *suites* que davam para aquele pátio. O mesmo fizera o filho mais velho de Saetan, Mephis SaDiablo. Esse espaço estava agora vedado a todos, pois Daemon usava o pátio para se libertar de algum do seu poder Negro, bem como da tensão sexual que era parte do preço a pagar por ser um Príncipe dos Senhores da Guerra que usava o Negro.

Do outro lado dos aposentos do Senhor Supremo ficava o bloco da Rainha. Os quartos ocupados por Jaenelle Angelline e Daemon Sadi quando Jaenelle estava viva também eram de acesso proibido, bem como a *suite* ocupada pela Senhora Karla desde o verão em que a assembleia de Feiticeira havia chegado ao Paço. Outras *suites* nesse pátio haviam sido agora atribuídas a algumas das raparigas que haviam estado no Paço quando a assembleia da maldade atacara, como Zoey, Titian, Jhett e Arlene. Essas jovens continuavam a sentir-se nervosas, e só conseguiam dormir por se encontrarem assim tão perto do Negro.

O bloco seguinte de *suites* estava reservado aos servidores de maior confiança, um grupo que contava com o Senhor Holt, o Senhor Weston, o Príncipe Raine, o Príncipe Chaosti, quando visitava o Paço — e Daemonar. Mais uma diferença entre ele e os outros rapazes.

Os restantes jovens ficavam em aposentos de fácil acesso para os protetores, mas não tão próximos do Tio Daemon.

Mais tranquilo em relação ao buraco hipotético na parede — que precisaria de mais trabalho para reparar do que imaginara —, e mais tranquilo, de um modo geral, agora que não fora o único a ter ouvido a malfadada janela e suas imprecações, Daemonar encaminhou-se para a sua *suite*, deitou-se na cama e adormeceu em poucos minutos.

— *Merda!*

Daemon andava às voltas pela sala, tentando descortinar as implicações do que acabara de ouvir — e de sentir.

Passara três noites a vaguear pelo Paço, em busca da janela enfeitiçada que Saetan criara como lição, e também como vingança, pelas janelas gritadoras que Jaenelle e a assembleia haviam produzido. Naquela noite retirara-se para a *suite* para dormir, pois no dia seguinte lecionaria Arte, e com trinta e seis jovens com vários níveis de competência em Arte básica, e também em outras coisas que obrigavam a maiores habilidades, não se podia dar ao luxo de estar toldado pela fadiga.

Logo na primeira noite que decidira dormir, o rapaz, que procurava apaziguar uma consciência tranquila, deparara-se com a treta da janela!

Daemon invocou o botão de punho, fitou-o por um instante, e depois fê-lo desaparecer. Não precisava de voltar a ouvir aquelas vozes para saber que se passava algo de muito errado. O feitiço que Saetan criara como lição para a assembleia não transmitiria aquela sensação de ameaça e de violência, não pareceria... prenhe... com um objetivo. Saetan não dirigiria um feitiço carregado de violência à filha, nem às jovens Rainhas que o consideravam um tio honorário.

O que significava que algo corra mal ou o feitiço fora adulterado. Ou...

Armadilhas. Artimanhas. *Será* que havia demónios-mortos encurralados naquela janela, à procura de uma forma de atacarem os vivos? Não *sentira* esse tipo de risco, mas havia qualquer coisa no feitiço que o recordava da maldita casa assombrada que um escritor chamado Jarvis Jenkell criara para encurralar — e matar — elementos da família SaDiablo. Só que Jenkell não contara com o membro da família que nunca seguira as regras *antes* mesmo de entrar na casa.

O único membro da família capaz de reconhecer o que poderia estar naquela janela. Se a solução de Lucivar fosse rebentar com a parede, pois que assim fosse. Mais tarde lidariam com os problemas estruturais.

Daemon olhou para o relógio alto. Tendo em conta as horas, seria cortês aguardar mais algum tempo.

Como Daemonar e Titian estavam a residir no Paço e aquela janela representava uma ameaça potencial, Lucivar atirá-lo-ia contra uma parede se Daemon esperasse — e a pancada seria merecida.

Daemon foi até ao centro da sala, fechou os olhos, e lançou um chamado num fio Ébano-acinzentado.

Bastardinho? Aguardou um momento. *Bastardinho?*

Bastardolas? O que...?

Imaginava Lucivar Yaslana a levantar-se da cama e a sair do quarto, o temperamento do eyrieno a aproximar-se de uma fúria assassina.

Preciso da tua ajuda com Arte que encontrei no Paço.

Arte? Valha-me o fogo do Inferno, o que é que elas fizeram?

As meninas? Abriram um buraco numa parede, mas isso não é relevante. É Arte criada pelo Pai. Valham-me as Trevas, Bastardinho, espero que não fosse esta a intenção dele, mas... Bem, tu entraste naquela casa assombrada; eu não. Se isto for parecido...

Vais dormir mais?, perguntou Lucivar.

Não.

Está bem. Vou dizer à Marian aonde vou e dar ordens ao Rothvar para os próximos dias. Depois vou para aí. Chego ao Paço a horas de um pequeno-almoço cedo.

Ótimo. Daemon encerrou a ligação entre os dois. A tremer, invocou um roupão e acrescentou um feitiço de calor. Depois esfregou as mãos no rosto e passou-as pelo cabelo preto grosso.

Valesse-lhe o fogo do Inferno, precisava de dormir. Talvez fosse por isso que não estava a ver o óbvio.

Claro que fora Saetan a criar aquela Arte, pelo que o objetivo, provavelmente, não seria a clareza.

QUATRO



Paço SaDiablo

***A** corda, rapazola.*
O toque mental do Tio Daemon fez Daemonar levantar a cabeça da almofada.

— O qu...?

O teu pai chegou. Quero que nos acompanhes quando formos ver da janela. Se quiseres tomar o pequeno-almoço, vem ter connosco à minha sala de estar.

— O qu...? — Daemonar desviou os cobertores e ficou de pé ao lado da cama, a tremer. Esquecera-se de acrescentar poder aos feitiços de aquecimento que lhe mantinham os aposentos confortáveis. Claro que levantar-se ali ao frio não era muito diferente de acordar no exterior, durante uma expedição de caça no início da primavera, ou em finais do outono.

Pelo menos não era responsável pelo aquecimento dos reservatórios de água daquele bloco de quartos. E mais ninguém ali acordaria assim tão cedo.

Pelo fogo do Inferno. Quem *quereria* acordar assim tão cedo? Claro que o pai se deslocara até ali de Ebon Rih. Nem queria imaginar a que horas *Lucivar* teria saído da cama para ali chegar a horas do pequeno-almoço. E que elementos da cozinha da senhora Beale teriam sido acordados para preparar o pequeno-almoço para aquela hora?

Conquanto não tivesse sido a senhora Beale, não havia nada a temer. Talvez.

O duche rápido de água quente ajudou a enganar o cérebro para que este pensasse que eram horas decentes de funcionamento.

O cheiro a café quando, minutos depois, abriu a porta da sala de Daemon

convenceu-lhe o estômago de que eram horas de comer, mesmo com as janelas a mal darem sinal de luz do dia a tentar empurrar a noite escura.

— Bom dia — cumprimentou ele o pai e o tio. Depois ocupou a cadeira vazia que fora levada até à pequena mesa retangular e destapou o prato. *Bacon*, uma omeleta de legumes e um par de folhados. Também havia um cesto de *muffins* e uma taça de manteiga na mesa. Não era uma grande refeição segundo os padrões do Paço, mas *era cedo*. — Quem é que acordaste para preparar a comida?

Lucivar pegou na cafeteira e encheu a caneca de Daemonar antes de reabastecer a sua e a de Daemon.

— Não acordámos ninguém. Temos uma cozinha auxiliar ao fundo do corredor e o teu tio e eu sabemos cozinhar.

Talvez fosse uma cozinha totalmente apetrechada, mas contava com uma ementa limitada, preparada pelos aprendizes de cozinheiro de serviço. Mas era possível obter-se uma malga de sopa e uma sanduíche durante o dia, além de fruta fresca e queijo.

— Fizeram folhados? — Daemonar deu uma grande dentada num pastel de maçã e canela e decidiu não comentar que a massa não era leve e estaladiça — e o sabor do recheio tinha qualquer coisa de diferente. O suficiente para que duvidasse que os folhados estivessem presentes na mesa de pequeno-almoço para a primeira refeição oficial do Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan. O que seria engraçado, se tivesse sido o Tio Daemon a fazer o folhado. Ou seria engraçado, conquanto ninguém dissesse à senhora Beale que o Príncipe estava a comer coisas menos aceitáveis.

— Os folhados e os *muffins* sobraram das aulas de culinária de ontem — respondeu Daemon ao beber o café.

Bem, isso explicava o motivo por que os folhados não sabiam exatamente bem. Como não eram intragáveis e já que estava com fome, Daemonar deu mais uma dentada.

Daemon pegou no cesto e ofereceu-o a Lucivar.

— Um *muffin*?

— Obrigado. — Lucivar aceitou um.

Daemonar olhou para os pratos e percebeu que Daemon e Lucivar já haviam terminado as refeições e estavam à espera dele. Teria mais uns cinco minutos até que o pai o levasse porta fora, pelo que se dedicou a comer enquanto podia.

Deram-lhe sete minutos. Daemonar imaginou que tivesse tido esses dois minutos adicionais por causa do Tio Daemon. Mas assim que Daemon pousou

a caneca na mesa, Lucivar levantou-se — e ao ver a expressão nos olhos deles, Daemonar pensou que, felizmente, os dois homens não estavam a caçar nada mais do que um bocado bizarro de vidraça.

Daemon e Lucivar percorreram os corredores lado a lado — os Príncipes dos Senhores da Guerra dominantes do Reino de Kaeleer. Os predadores sem rival.

Não costumava pensar neles assim, não costumava vê-los assim. Eram o pai e o tio, e, regra geral, quando se juntavam era em família, com ambos descontraídos. Ao segui-los, alguns passos atrás, via-os como os restantes Sangue deveriam vê-los. Impiedosos. Cruéis. O poder e o temperamento controlados por uma Rainha que já não tinha forma física, mas que continuava a ser a vontade que lhes comandava a vida.

Tal como comandava a dele.

O regresso público de Feiticeira abalara todo o Reino. O Senhor Supremo do Inferno e o Príncipe Demónio podiam ser as armas dela, mas o poder de Feiticeira ofuscava o deles de uma forma impossível de calcular — apenas podia ser recordado na forma da purga que destruíra todos os Sangue que haviam sido maculados por Dorothea e por Hekatah SaDiablo. E ele ouvira alertas murmurados por Viúvas Negras que haviam procurado respostas em sonhos e em visões. Não importava como fora ao andar entre os vivos — Feiticeira, o mito feito carne, era mais impiedosa, menos misericordiosa e bastante mais feroz do que as suas armas, e seria melhor para todos que não dessem motivos à Senhora que residia na Fortaleza para olhar com mais atenção para os vivos.

Era agora temida como nunca, mas continuava a ser a Rainha dele e, sobretudo, ainda era a sua adorada Tia J.

Abrandaram ao chegar ao escudo Negro que vedava um dos lados do corredor com a janela bizarra.

Lucivar olhou para Daemonar, atrás dele, e ordenou:

— Escudo.

Assim que Daemonar se envolveu num escudo Verde defensivo, Lucivar criou um escudo Ébano-acinzentado e Daemon um escudo Negro. Depois, Daemon desativou o escudo que bloqueava aquele lado do corredor e os dois homens acercaram-se lentamente da janela, com Daemonar ainda uns passos atrás deles.

— É esta? — perguntou Lucivar baixinho.

Daemon assentiu.

— A trovoada já passou, por isso talvez não reaja.

— Ouviste o que a janela disse? — perguntou Daemonar.

— Ouvi — respondeu Lucivar. Cerrou a mão direita num punho e ergueu-o,

de modo a que a Joia Ébano-acinzentada no anel apontasse para a janela. Depois respirou fundo e emitiu um grito de guerra eyrieno amplificado por Arte suficiente para fazer estremecer *todas* as janelas naquela parte do Paço.

Houve uma sensação de poder negro, lento, mas envolvente, até que as vozes na janela bradaram em resposta ao grito de guerra de Lucivar. E depois...

Nada.

Daemonar suspirou de alívio.

— Desapareceu?

— Não — respondeu Lucivar num tom sombrio. — Não desapareceu.

Mudou-se. — Virou-se e olhou para o filho.

Daemon olhou para Daemonar.

Daemonar recuou e levantou as mãos.

— Não fui eu. Não fiz nada.

Lucivar mirou-o um instante a mais do que deveria, após o que olhou para Daemon.

— Ele ainda não tem essa competência e não há nada no feitiço que pareça o Verde.

— Mas não há dúvida de que se mudou desta janela para... onde? — indagou Daemon.

— Boa pergunta, meu velho. E precisamos de uma resposta depressa.

— Mãe Noite — murmurou Daemon.

— Pois. Precisas de mais ajuda do que eu te posso dar, por isso já sabes o que tens de fazer.

Daemon suspirou.

— Queres um conselho? Começa com mijo e vinagre. Deixa que a Jaenelle e a Karla te acalmem.

Daemon olhou para Lucivar.

— Não achas que isto possa ter alguma coisa que ver com elas, pois não?

— Com *aquelas* vozes? — Lucivar riu-se. — Valha-me o fogo do Inferno, Bastardolas, serás assim tão ingénuo?

Ao regressarem à *suite* de Daemon, Daemonar interrogou-se quanto ao que Sadi teria dito a Lucivar se não se tivesse lembrado da presença de um jovem entre eles.

Tinha a certeza de que teria aprendido algumas palavras novas interessantes.

Assim que Daemon apanhou os Ventos Negros e se encaminhou para Ebon Askavi, Lucivar dirigiu-se à copa, que era o domínio de Beale. Criadas e lacaios

já se atarefavam. E também por ali corriam os jovens que aprendiam com a senhora Beale, que as Trevas se apiedassem deles.

Ainda mal um mês passara desde que o Paço se tornara um centro de formação para feiticeiras, Senhores da Guerra e Príncipes dos Senhores da Guerra promissores de todos os tipos de misteres — entre eles, Rainhas, Viúvas Negras e Curandeiras que pudessem ser alvos de Sangue com ambições malévolas — e já ele e Daemon se deparavam com problemas. Ou melhor, Daemon tinha de lidar com problemas. Ele estava ali para apoiar o irmão — e para garantir que aquela disposição não afetava a sanidade de Daemon.

Encontrou Beale e a senhora Beale na copa, acompanhados por Helene, a governanta principal do Paço, a reverem as tarefas e as atribuições do dia.

— Bom dia — cumprimentou Lucivar, permanecendo à porta. Com três pessoas já presentes, não havia grande espaço de manobra.

— Príncipe Yaslana! — exclamou Beale. — Não estava a par da sua presença.

— Cheguei bastante cedo. — Lucivar preparou-se e susteve o olhar da senhora Beale, cumprimentando-a com um leve aceno de cabeça.

Mesmo dona de uma Joia Amarela, a senhora Beale contava com uma reputação temível. O facto de ter uma das Joias mais claras não significava grande coisa, pois ela era uma mulher grande e forte, que se fazia acompanhar pelo seu cutelo afiado em todas as reuniões com elementos da família SaDiablo. Depois do ataque da assembleia da maldade contra os hóspedes no Paço, ela passara a representar um fascínio tremendo para os jovens que se candidavam ao trabalho nas cozinhas, pois o cutelo, que ela usara para matar uma das raparigas maléficas, tinha um beijo gravado de lado — um beijo produzido pelos lábios de Daemon Sadi à laia de agradecimento pelo papel dela na defesa do Paço e das jovens atacadas.

Fitou-o um segundo a mais do que seria confortável, até que perguntou:

— O senhor e o Príncipe fizeram algo para comer?

Parecia mais uma acusação do que uma pergunta.

— Fizemos — admitiu Lucivar. — Mas tratou-se de uma refeição simbólica, por eu ter chegado tão cedo.

A senhora Beale semicerrrou os olhos — e Lucivar viu-se obrigado a resistir à tentação de invocar a espada de guerra.

— Provaram os folhados e os *muffins* que foram feitos ontem? — quis ela saber.

— Provámos.

— E então?

Valesse-lhe o fogo do Inferno.

— Estavam aceitáveis, mas não ao *seu* nível.

— O *Príncipe* comeu alguma coisa que eu não aprovaria para a mesa dele?

Preferia que ele passasse fome? Certo de que não haveria resposta que não o deixasse — e a Daemon — em apuros, Lucivar não respondeu.

— Bem, imagino que uma barriga vazia nos obrigue a isso — resmungou a senhora Beale. — Vou tratar de um pequeno-almoço a sério para os dois.

Ela não o podia contornar. Ele podia manter-se firme.

— O Príncipe Sadi já saiu. Tem assuntos a tratar com as Senhoras da Fortaleza. Mas eu agradeço uma refeição com o que lhe aprouver servir. — Sugeriria comer juntamente com os instrutores, de modo a poupar trabalho aos empregados do Paço, mas, naquele momento, ele comeria a refeição onde quer que a senhora Beale lhe indicasse.

Lucivar relanceou Beale.

— Preciso de uns minutos do teu tempo antes que os jovens comecem o dia. — Cerrou as asas membranosas escuras contra as costas e afastou-se, para deixar que a senhora Beale e Helene saíssem da copa, depois entrou e fechou a porta. — Muito bem. O buraco na parede. Como é que estão a tratar disso?

— Como já antes foi tratado — respondeu Beale. — As jovens Senhoras que estavam a fazer as suas experiências decidiram que assumiriam a responsabilidade do pagamento das reparações, ao invés de permitirem que todos os jovens contribuíssem com alguns marcos.

— É justo.

Beale assentiu.

— Entrei em contacto com os trabalhadores de Halaway que costumam tratar desses assuntos no Paço. A conta a apresentar será suficientemente elevada para afetar o bolso de todas.

— Mas não vai cobrir o custo total.

— O Príncipe Sadi concordou em dar continuidade à tradição do pai quanto a essas aventuras e cobrirá o restante custo da reparação. — Beale ofereceu o esboço de um sorriso a Lucivar.

Lucivar hesitou.

— O meu irmão vai bem?

Foi a vez de Beale hesitar, parecendo relutante em falar sobre o homem que governava Dhemlan e muito mais, mas Lucivar e Beale tinham um acordo tácito em relação a Daemon Sadi.

— Está magoado e tem saudades da filha. Seria de esperar. Contudo, ver as jovens Senhoras que foram salvas dos objetivos da assembleia da maldade recorda-o do motivo por que fez as escolhas que fez. Acho que isso o ajuda.

Estar aqui ajuda-as *a elas*. — Nova hesitação. — Se me permite uma observação, neste momento, o Paço, com tantos jovens presentes, está mais parecido com os dias em que a Senhora do Príncipe aqui morava. Acredito que tenham sido dias felizes para ele.

Lucivar aquiesceu.

— Os mais felizes de todos. — Expirou. — Mas temos um problema aqui no Paço. O Daemon foi à Fortaleza procurar ajuda para o resolver. Até lá, o pessoal superior precisa de saber o seguinte.

CINCO



Santuário

Alguns dias de investigações discretas revelaram-se infrutíferos. Não havia nenhuma rapariga no santuário chamada Wilhelmina Benedict. Não havia qualquer família chamada Benedict na aldeia. Jillian tinha uma vaga ideia de já ter ouvido o nome, mas não se lembrava onde.

Isso deixava Saetien com outras duas opções para obter informações. As cartas do pai eram calorosas, mas escritas com um cuidado quase doloroso. Daemon Sadi não referia nenhum dos jovens que de momento residiam no Paço SaDiablo, nem sequer os primos Daemonar e Titian. Escrevia sobre Mikal, de quem era guardião legal. Escrevia sobre os jardins e contava mericos acerca dos habitantes de Halaway, a aldeia adjacente à residência da família. Mas não dizia grande coisa sobre ele, à parte os livros que andava a ler. Saetien não sabia se haveria algo de errado que ele não lhe queria contar ou se seria porque ele acreditava que a filha não se importaria.

Claro que as cartas dela eram escritas com igual cuidado, pois tudo o que lembrasse uma birra era recebido com uma resposta fria, e havia dias em que era difícil não sentir autocomiseração e culpar tudo e todos por a sua Joia de Direito de Progenitura ter sido reduzida a Violácea, ao invés de se manter no nível de poder que a Aurora do Crepúsculo tivera, e por ter sido banida de Amdarh e Askavi por dois anos, e por ter acabado a morar ali.

E queria, sobretudo, culpar Feiticeira, por a ter condenado a visitas noturnas a Briarwood, durante as quais tinha de percorrer o lugar e ouvir os gritos, os choros e as súplicas, e ver coisas que ninguém devia ver, nem mesmo nos piores pesadelos.

Via o padrão. Não era parva. Nos dias em que era particularmente arrogante ou em que mais reclamava por ter de fazer tarefas no santuário que fossem além da limpeza do quarto, quando se queixava de que a mesada que

o pai lhe dava era apenas uma fração daquilo que já fora, quando atormentava Jillian porque a eyriena fazia parte da família que já não a queria, mergulhava mais profundamente em Briarwood, via coisas terríveis. E algures, numa parede, veria palavras escritas com sangue: *Tu sonhas com isto. Nós vivemo-lo.*

Um lembrete severo que levava, normalmente, a que Shelby a acordasse, porque estava a chorar no sonho.

Pois — não podia perguntar ao pai sobre alguém que talvez nem existisse, já que fora Teresa que lhe indicara o nome e depois ficara sem memória de quem era ou do que significava o nome. Isso deixava-lhe outra alternativa.

Saetien esperou até que Surreal SaDiablo chegasse para o encontro semanal com o administrador e com os instrutores do santuário. Antes que Surreal tratasse dos assuntos que a haviam levado ali e partisse para o compromisso seguinte, Saetien enviou um pedido para se encontrar com o braço-direito do Príncipe Senhor da Guerra de Dhemlan.

Era a sua mãe, mas já não era uma mãe. Saetien eliminara esse laço entre elas com palavras deliberadas e certeiras. Podia agora dizer que não fora aquilo que quisera dizer, mas isso era como alguém apregoar que *A faca escorregou-me; não queria matar a minha amiga, só pretendia magoá-la um pouco.* Ela matara algo no interior de Surreal, algo que talvez sempre houvesse sido vulnerável, e ambas teriam de viver com as cicatrizes e com as consequências.

Foi ao encontro de Surreal no exterior, tendo de se apressar, pois demorara mais do que esperava a convencer Shelby de que não devia acompanhá-la.

— Algum problema? — perguntou Surreal, o tom a sugerir que seria pres-tável, mas impessoal.

— Preciso de ajuda para encontrar alguém — explicou Saetien.

— Podes escrever ao historiador/bibliotecário da Fortaleza e solicitar informações. Se alguém o sabe, será o Geoffrey — respondeu Surreal.

— Não sei se a pessoa será real. — Invocou o papel com o desenho e o nome e entregou-o a Surreal.

Surreal demorou-se a olhar para o desenho.

— Onde o encontraste?

— Foi a Teresa que mo desenhou. É uma espécie de retrato de quem eu era e de quem eu sou agora. — Saetien mexeu-se, desconfortável. — Ela diz que esta pessoa sabe a tristeza e a verdade e pode revelar-me coisas de que preciso de saber.

— Não sei se pode — corrigiu Surreal baixinho. — Já não pode. E não sei se vais mesmo querer saber alguma coisa sobre ela.

— Porquê? — Algo na relutância de Surreal deixou Saetien inquieta. — Quem é a Wilhelmina Benedict?

Surreal suspirou.

— Era a irmã da Jaenelle Angeline.

SEIS



Ebon Askavi

Assim que Feiticeira e Karla entraram na sala à frente da *suite* da Rainha, Daemon contornou-as a pairar e fechou a porta — e deixou-se ficar entre elas e uma saída da sala. Pelo menos estava a bloquear uma fuga fácil para Karla. O corpo de Feiticeira era uma sombra feita a partir de poder e de Arte, pelo que ela podia desaparecer quando bem lhe aprouvesse. No entanto, ao lidar com ele, Feiticeira costumava seguir as regras que se aplicariam caso ainda dispusesse de um corpo físico.

Mijo e vinagre, dissera Lucivar. Pois bem, estava pronto.

Apresentou o botão de punho e ativou o feitiço auditivo na lasca Vermelha por baixo do rubi.

Ouviram-se roncões e resmungos graves, após o que as vozes tonitruaram com uma linguagem revoltante a ponto de fazer Lucivar corar quando o ouvira.

Karla pareceu sobressaltada antes de franzir o cenho ao botão de punho.

— Isso é eyrieno, não é?

— Mãe Noite — lá disse Feiticeira, de olhos arregalados e boca aberta com o choque —, podes crer que é.

Karla aprendera eyrieno suficiente ao longo dos anos para ser capaz de conversar na língua, mas Feiticeira era fluente e provavelmente conhecia *todas* as palavras que haviam sido proferidas.

— O Lucivar e eu estamos convencidos de que isto estará associado a vocês duas, pelo que me vão ajudar a resolver isto — afirmou Daemon. Abanou o botão de punho na direção delas. As vozes resmungaram e murmuraram.

Deixaram-se fitar o botão de punho, à espera.

— Porque haveria isso de ter alguma coisa que ver connosco? — perguntou Feiticeira.

— Porque o Lucivar identificou as vozes como sendo as do Andulvar e

do Prothvar Yaslana, pelo que isto terá sido feito antes de eles se tornarem um murmúrio nas Trevas. Imagino que o Saetan tenha criado a Arte original como lição para a assembleia, mas aconteceu alguma coisa e o feitiço ainda está a funcionar. Foi posto numa janela, provavelmente em resposta aos testes que vocês fizeram com vidraças.

— Testes? — repetiu Feiticeira, circunspecta.

— «Intruso! Intruso! Partiram-me! Partiram-me! Partiram-me!» — Daemon ergueu uma sobrancelha. — Lembram-se disso?

— Pelo fogo do Inferno — resmungou Karla. — Como é que *tu* sabes disso?

— O Saetan registou as vossas aventuras mais memoráveis. — Não precisava de lhes dizer — ainda — que havia um arquivador cheio com esses registos.

A expressão nas caras delas. A filha costumava chamar àquela expressão «ficar a bufar à gata». Na verdade, os Scelties *ainda* empregavam essa expressão quando as mulheres humanas ficavam agitadas por causa de alguma coisa.

— Se o feitiço foi posto numa janela, não podes simplesmente retirar a janela? — aventou Feiticeira.

— Era essa a nossa intenção, assim que confirmássemos que se tratava apenas de som, sem que fosse algo mais maléfico, alguém encurralado na janela, por exemplo, *mas o malfadado feitiço mudou-se!* — Daemon voltou a abanar o botão de punho, parando quando ele começou a resmungar.

— Mudou-se para aonde? — perguntou Karla.

— Boa pergunta — tornou Daemon. — Mas uma coisa vos digo: se o feitiço aparecer na janela de um quarto e eu acabar com vinte e duas adolescentes em cima de mim a meio da noite, borradas de medo, vou ficar bastante zangado.

— Achas que os rapazes se aguentam? — perguntou Feiticeira.

Nem precisou de pensar.

— Tendo em conta que foi o Daemonar a encontrar isto e *ele* ficou assustado a ponto de me ir bater à porta do quarto, imagino que os outros miúdos façam companhia às raparigas. — Ofereceu-lhe um sorriso gelado. — E se o feitiço for parar aos aposentos dos Beales, trago a senhora Beale e o cutelo dela para que *vocês* lhe expliquem o que se passa.

Fitaram-no.

— Isso é uma ameaça — acabou Karla por dizer.

— Mm-mmm — concordou Feiticeira.

Tentou aparentar estar pesarosa. Ambas tentaram. Aquela expressão vinha das duas deixou-o nervoso, mas Daemon manteve-se firme.

— Podes deixar aqui o botão de punho para estudarmos o som? — perguntou Feiticeira.

Daemon ofereceu-o.

À frente dele apareceu uma pequena taça de cristal a pairar no ar. Largou o botão para dentro da taça. Esta desapareceu.

— Se passou tantos anos adormecido, terá havido alguma coisa que ativou o feitiço — comentou Feiticeira. — Aconteceu alguma coisa invulgar no Paço?

— Pelos vistos, nada que pudesse ser considerado invulgar quando se tem por perto um bando de miúdas adolescentes — respondeu Daemon. — Um certo uso de Arte correu menos bem e elas abriram um buraco numa parede.

— Um buraco do tamanho de uma janela decorativa ou do tamanho de uma porta?

Daemon fitou a sua Rainha, o amor da sua vida e a sua razão de viver — pois ela pedira-lhe que permanecesse entre os vivos enquanto fosse capaz.

— Isso é relevante? — perguntou, com demasiada calma.

— Talvez — afirmou Karla.

— Uma janela decorativa — respondeu Daemon. — Pelo menos, assim me disseram.

— Muito bem — disse Karla. — O sol já nasceu, pelo que está mais do que na hora de me retirar.

O silêncio na sala crepitou com antecipação enquanto os três reconheciam que uma feiticeira que era demónia-morta tinha de ter cuidado na presença do Senhor Supremo do Inferno, mesmo sendo ela uma Rainha Viúva Negra de Joia Cinzenta, além de uma amiga.

Daemon chegou-se para o lado e serviu-se da Arte para abrir a porta.

Karla passou por ele sem dizer mais nada.

— Estás pálido, meu Príncipe — comentou Feiticeira. Era o máximo que ele permitia que Feiticeira reconhecesse os danos causados ao coração e aos pulmões dele quando tentara reprimir a tensão sexual.

— Falta de descanso, mais nada. — Era o máximo que se permitia admitir o que ambos sabiam: que a areia que marcava o seu tempo entre os vivos escorria cada vez mais na ampulheta.

— Então dorme umas horas e toma uma refeição tranquila antes de te lançares ao caos no Paço.

Daemon hesitou, ao que pediu aquilo de que realmente precisava.

— Ficas comigo?

Feiticeira sorriu.

— Fico contigo.

Deu-lhe tempo para se dirigir à *suite* do Consorte, despir a roupa e deitar-se, após o que entrou pelo seu quarto adjacente.

Uma sombra na qual ele não podia tocar — pelo menos enquanto ele ainda andasse entre os vivos —, mas que podia tocar nele. Quando a mão de Feiticeira lhe pousou no peito, o corpo de Daemon relaxou de uma forma que lhe era impossível conseguir quando não estava com ela.

— Como estás, Daemon? — perguntou Jaenelle gentilmente.

— Estou bem. — Daemon riu-se. — De um modo geral, lidar com aquelas raparigas é como ser atacado por uma matilha de cachorrinhos felizes. A novidade de estarem a viver no Paço ainda não passou.

— E os rapazes?

— Digamos que não tive de provar, ainda, que sou eu que a tenho maior.

O riso cristalino e aveludado de Jaenelle encheu o quarto.

— Deixaste um beijo no cutelo da senhora Beale. Duvido que algum dos rapazolas se atreva a medir forças *contigo* nos próximos tempos. — A gargalhada e a diversão esmoreceram. — E a tua filha?

Daemon suspirou.

— Ela está a... adaptar-se... à vida no santuário. Enviou-me algumas cartas. Não disse grande coisa, mas pelo menos escreveu. E eu respondi-lhe. Não há muito mais que possa fazer por ela de momento.

— Pois não — concordou Jaenelle com gentileza. — Pelo menos por agora. Mas o âmagô de quem ela é, o âmagô que tu e a Surreal ajudaram a moldar, ainda lá está. Ela só tem de voltar a encontrá-lo, à maneira dela.

— Viste alguma coisa numa teia entrelaçada?

— Não. Sei, só isso. — Debruçou-se e beijou ao de leve a face de Daemon. — Dorme, Daemon.

— Sim. Vou dormir. — Fechou os olhos. — Deixei o Lucivar no Paço. Hoje, é ele que vai dar as aulas de Arte.

— Mãe Noite — murmurou Feiticeira.

— E que as Trevas sejam misericordiosas.

Adormeceu a pensar que os trinta e quatro jovens no Paço teriam a sua primeira experiência plena a lidar com Lucivar Yaslana.

Depois de Sadi ter regressado ao Paço SaDiablo, Karla sentou-se no sofá da sala à frente da *suite* da Rainha e ouviu as vozes ribombantes a saírem da lasca no botão de punho de Sadi.

— Lembras-te do que fizemos que os deixou assim tão irritados?

Jaenelle Angelline, a Rainha que era Feiticeira, mirou o botão de punho e abanou a cabeça.

— Não, mas teria de ser algo mais do que a janela que fizemos... embora a janela tenha provocado a sua dose de excitação.

— Tens a certeza de que são o Andulvar e o Prothvar?

— As vozes estão... ampliadas... ou multiplicadas, mas não há dúvida de que são eles.

— O que significa que o feitiço foi criado...

— Antes da purga.

— Isso foi há séculos. Até um feitiço criado pelo Tio Saetan perderia o poder.

— Depende das condições entrelaçadas no feitiço. Pode ter ficado adormecido até ser encontrado... ou até mais alguém abrir um buraco numa parede. — Jaenelle enfiou os dedos no cabelo dourado curto, cabelo que mais parecia pelo, até ele ficar de pé.

— Ademais — continuou Jaenelle —, durante estes anos houve outro Príncipe dos Senhores das Guerra de Joia Negra a morar no Paço, a alimentar os escudos defensivos com o poder dele. É possível que o Daemon também tenha alimentado este feitiço sem se aperceber.

— E também lhe transmitiu parte da sua fúria quando andava a perder o controlo? — sugeriu Karla. — Isso pode explicar a forma como as vozes soam.

— É possível. Se o Saetan criou este feitiço e o pôs numa janela, o objetivo seria que nós o encontrássemos... e o corrigíssemos. Uma lição sobre o desfazer de algo que fora feito.

— Só que não o encontramos — frisou Karla. — Portanto, ou o Tio Saetan se esqueceu dele...

Jaenelle expirou.

— É pouco provável, já que deixou apontamentos.

— ... ou terá sido posto originalmente em algum sítio onde o encontrássemos. Só que alguma coisa interferiu com o trabalho dele e o feitiço fugiu para janelas desconhecidas.

— O que significa que o Daemon tem razão. O feitiço destinava-se, originalmente, a reagir à nossa presença e já deveria ter sido resolvido há muito tempo.

Jaenelle olhou para Karla. Karla olhou para Jaenelle.

— Muito bem — acabou Karla por dizer. — Isto vai ser empolgante.